



***AS REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES NA FRANQUIA
AMERICAN PIE***

***LAS REPRESENTACIONES MASCULINAS EN LA FRANQUICIA
AMERICAN PIE***

THE MALE REPRESENTATIONS IN THE AMERICAN PIE FRANCHISE

Gleissiano Ruan de Freitas¹

Eliane Rose Maio²

RESUMO

No presente artigo, analisamos as representações de masculinidade nos filmes da franquia *American Pie*, desconsiderando os *spin-offs*. Para tal, dissertamos sobre a personalidade dos cinco principais personagens, e logo após, selecionamos três cenas de cada filme, sendo, quatro filmes, totalizando doze cenas, às quais descrevemos, de uma maneira breve, ao mesmo tempo que analisamos tais cenas, amparados por uma bibliografia, deste modo, objetivamos, estudar como os roteiros dos filmes *American Pie* disseminam uma ideia do que é ser, o chamado, “homem de verdade”, tanto para os seus personagens, quanto para o público, chegamos à conclusão que, *American Pie* reforça padrões do agir masculino que tornam ou excluem, sujeitos masculinos ao papel de “macho”, dependendo de suas atitudes e assim os filmes ditam o que é ser o “homem de verdade”.

PALAVRAS-CHAVE: American Pie. Masculinidades. Representações.

RESUMEN

En este artículo, analizamos las representaciones de la masculinidad en las películas de la franquicia *American Pie*, haciendo caso omiso de los *spin-offs*. Para ello, impartimos conferencias sobre la personalidad de los cinco personajes principales, y poco después, seleccionamos tres escenas de cada película, cuatro películas, un total de doce escenas, que describimos brevemente, al mismo tiempo que analizamos este tipo de escenas,

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), pesquisador PIC do grupo NUDISEX(UEM), integra o grupo ARTEI(UEM)

² Psicóloga, Doutora e Pós-Doutora em Educação Escolar. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (UEM), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

amparados por una bibliografía, por lo que nos propusimos estudiar cómo los guiones de las películas de *American Pie* difunden una idea de lo que se va a , el llamado "hombre real", tanto para sus personajes, como para el público, llegamos a la conclusión de que, *American Pie* refuerza patrones de actuación masculina que hacen o excluyen, sujetos masculinos al papel de "hombre", dependiendo de sus actitudes y por lo tanto las películas dictan lo que es ser el "hombre real".

PALABRAS-CLAVE: American Pie. Masculinidad. Representaciones.

ABSTRACT

In this article, we analyze the representations of masculinity in the films of the American Pie franchise, disregarding the spin-offs. For this, we lectured on the personality of the five main characters, and soon after, we selected three scenes from each film, four films, totaling twelve scenes, which we briefly describe, at the same time that we analyzed such scenes, Covered by a bibliography, thus, we aimed to study how the scripts of the American Pie films disseminate an idea of what it is to be , the so-called, "real man", both for his characters, and for the audience, we come to the conclusion that, *American Pie* reinforces patterns of male acting that make or exclude, male subjects to the role of "male", depending on their attitudes and so movies dictate what it is to be the "real man".

KEYWORDS: American Pie. Masculinities. Representations.

* * *

*O cinema descobriu a história antes de a História
descobri-lo como fonte e veículo de
aprendizagem escolar.*

Marcos Napolitano

Introdução

O cinema vem se consolidando como uma forma muito viável para se realizar diversos estudos em diversas áreas do saber, uma vez que um filme está dotado de intencionalidades, sejam elas explícitas que são o caso, por exemplo, da história narrada pelo roteiro e seus desdobramentos, ou implícitas que são aquelas, que vão além do que o roteiro nos diz de forma explícita, em outras palavras, é aquilo que de certa forma está “escondido” nas entrelinhas das obras cinematográficas, usemos como exemplo, os cortes ou atitudes dos personagens que por vezes nos passam despercebidos, e para que isso não aconteça é necessário se atentar aos pormenores de um projeto cinematográfica (D’ASSUNÇÃO BARROS, 2011).

Tendo isso em vista, no presente trabalho realizamos uma análise das masculinidades presentes na franquia principal de *American Pie*, bem como a atitude e

interação que ocorrem entre alguns personagens presentes nos filmes, e ressaltamos a existência de diversos trabalhos escritos na língua inglesa que analisam *American Pie*, começemos por “An analysis slang word in the movie American Pie” escrito por Hari Farmanda, Yusrita Yanti, Nova Rina (2015), no qual os autores se propõem a fazer uma análise qualitativa das gírias utilizadas no primeiro *American Pie*, lançado em 1999.

Em concordância com isso, Youke Avelina Gaghaube (2003), também disserta sobre as gírias utilizadas em *American Pie* no seu texto “The slang words used in “American Pie I” movie”, para além disso, Dhoni Sanusi, Nova Rina e Havid Ardi (2014), realizam discussões sobre os palavrões presentes nos filmes, no trabalho intitulado “An analysis of swearword in American Pie movie”. Ambos os trabalhos se detêm em analisar a linguagem utilizada pelos personagens, no entanto existem mais três trabalhos que se aproximam do presente artigo, pois eles nos dissertam sobre a sexualidade em alguns dos filmes de *American Pie*, sendo eles, “As wholesome as...”: *American Pie as a new millennium sex manual*”, escrito por Sharyn Pearce (2003) que tem como objetivo explicar como *American Pie* funciona como uma espécie de “manual” sobre sexualidade aos jovens, e também existe o artigo “Sex and the cinema: what American Pie teaches the young” (2006) escrito pelo autor do texto anterior, deste modo, ele continua problematizando como o filme influencia a sexualidade dos jovens e por fim “Adolescent ambiguities in American Pie: Popular culture as a resource for sex education” da autora Catherine Ashcraft (2003), que trabalha com a ideia de que *American Pie* é uma forma alternativa para uma educação em sexualidade, o trabalho problematiza essa forma de educação.

Desta forma o presente artigo se diferencia dos trabalhos citados, ao indagar como as masculinidades se apresentam e como os protagonistas interagem uns com os outros, ao mesmo tempo em que as masculinidades presentes nos filmes da franquia, vão mudando, haja vista que os personagens, bem como os atores e jovens fãs da franquia, estão envelhecendo.

Sendo assim, o filme pode ser lido que, para além de uma forma de entretenimento, ele transmite mensagens, que por vezes estão implícitas, como explica Marcos Napolitano (2008). Assim, para uma análise apurada, a metodologia escolhida foi a de estudar somente filmes da franquia principal, ou seja, sem contar os *spin-offs*³.

³ Filmes que compartilham o universo cinematográfico de determinada franquia, sem necessariamente ter personagens ou uma história que seja uma sequência dos filmes da franquia principal.

American Pie é uma série de filmes do gênero comédia, tendo seu primeiro filme lançado em 1999 e seu último filme em 2012, que renderam quatro filmes, sendo eles, *American Pie: a primeira vez é inesquecível* (1999), *American Pie: a segunda vez é ainda melhor* (2001), *American Pie: o Casamento* (2003) e *American Pie: o reencontro* (2012)⁴, que narram as “aventuras sexuais” de cinco personagens, que são, Jim Levenstein, Steve Stifler, Paul Finch, Kevin Myers e Oz Ostreicher, interpretados respectivamente por, Jason Biggs, Seann William Scott, Eddie Kaye Thomas, Thomas Ian Nicholas e Chris Klein, este último não tendo participado de *American Pie: O Casamento*, por motivos que não foram divulgados.

A direção dos filmes ficou por conta (de forma cronológica) de Paul Weitz e Chris Weitz, J. B. Rogers, Jesse Dylan e Jon Hurwitz em parceria com Hayden Schlossberg e foram distribuídos pela Universal Pictures.

Vale ressaltar que os dados apresentados acima foram retirados do Rotten Tomatoes, que é um dos maiores sites que realizam críticas de filmes, de diversos gêneros e épocas de lançamento, explicado isso, descrevemos como os detalhes técnicos são importantes para a análise de *American Pie*.

Tais descrições técnicas enriquecem o trabalho, ao tempo que, disserta sobre aspectos para uma análise pormenorizada, como conhecer a distribuidora e os diretores, o que nos coloca em concordância com Manuela Penafria (2009), que ressalta sobre uma análise mais técnica das fontes cinematográficas.

Desta forma optamos em escolher e analisar três cenas de cada filme, totalizando doze, que foram escolhidas a partir do requisito desta ter a participação e inteiração dos protagonistas, com o objetivo de analisarmos quais são os comportamentos aceitos e negados para que os personagens sejam qualificados ou desqualificados para ocupar o que Michael Kimmel (1998) chama de masculinidade hegemônica, que é aquela que possui características que tornam um indivíduo apto a ser considerado um “homem de verdade”, perante à sociedade e, principalmente sob o olhar de juízo de outros homens (amigos, pais, tios, entre outras figuras masculinas), para tal, a masculinidade hegemônica nega qualquer atitude que, historicamente, foi construída como feminina, como por exemplo a ação de emitir seus sentimentos serem reprimidas desde a primeira infância, e a ideia de chorar ser considerado coisa de “mulherzinha”, como

⁴ Os títulos estão em português, haja vista, que para a análise foram utilizadas as versões dos filmes dublados na língua portuguesa.

ressalta a autora Maria José Somerlate Barbosa (1998), em seu trabalho “Choro, Verbo Transitivo”.

No que diz respeito à construção do artigo, de início descrevemos a personalidade, conforme é apresentada nos filmes, de cada um dos cinco personagens principais, para então, realizar uma análise das cenas como proposto acima, para assim, termos um panorama das atitudes consideradas “masculinas”.

Personalidades e masculinidades dos protagonistas

Para uma análise dos protagonistas de *American Pie*, utilizamos um aporte teórico, para que possamos criar uma linha de diálogo entre as atitudes ligadas às suas personalidades e autores que nos ajudem a pensar em tais atitudes, e em paralelo, enquadrar tais protagonistas em uma ou mais masculinidades, isto, pois, de acordo com Soraya Barreto Januário (2016), foram forjados conceitos acerca das masculinidades, por Connell, com o objetivo de facilitar a compreensão das mais diversas masculinidades, deste modo tais conceitos foram descritos de uma forma didática, por Soraya Barreto Januário (2016).

Para além disso, apresentamos Michael Kimmel (1998), que realiza um estudo pormenorizado acerca da masculinidade hegemônica, que seria aquela que possui traços considerados de um “homem alfa”⁵, tais como: coragem, poucas emoções, ser heterossexual e negar quaisquer características ditas femininas, e a masculinidade subalterna, que é aquela exercida por sujeitos que carregam traços ditos femininos, como emotividade, medos, e tal masculinidade, segundo Januário (2016), está mais presente nos homens homossexuais.

Explicado isso, por início, apresentamos Jim Levenstein, um personagem que tem um destaque na franquia principal de *American Pie*, principalmente, a partir de *American Pie: o casamento*, filme que nos apresenta o casamento de Jim e Michelle, personagem interpretada, segundo o Rotten Tomatoes, pela atriz Alyson Hannigan, que com o passar dos filmes foi conquistando um maior espaço dentro da Franquia de *American Pie*.

Sendo assim, logo de início notamos que Jim não teve e não tem educação sexual formal, uma vez que, consome pornografia, acreditando que os atos dos filmes

⁵ Um homem corajoso que é admirado tanto por homens quanto desejados, supostamente, por mulheres, seguindo os ideais do patriarcado (NARVAZ; KOLLER, 2006).

adultos são reais e não uma ficção que envolvem cortes, roteiros, entre outros elementos comuns nas obras audiovisuais, percebemos isso, essencialmente, na cena que ele tem com Nadia (Shannon Elizabeth) – a ser discutida mais à frente –, também notamos que nas tentativas de seu pai ensinar-lhe alguma coisa sobre a relação sexual, ele utiliza revistas pornográficas e é nítido o constrangimento de Jim, que também possui características voltadas para a timidez e com o passar dos filmes essa característica vai dando lugar a um “romantismo”.

Abriremos um parêntese que o nome da franquia, é uma referência à cena em que Jim usa uma torta alimentícia para se masturbar, uma vez que em tradução livre a palavra “*american pie*” significa “torta americana”.

Assim, Jim Levenstein pode ser enquadrado na masculinidade que Januário (2016, p. 125), entende que se caracterizam as masculinidades cúmplices “[...] por atitudes de acomodação aos benefícios do sistema patriarcal. É a masculinidade através da qual os homens se identificam com práticas da masculinidade hegemônica”.

Já, sobre Kevin, este por sua vez namora com Vicky Latham, que é interpretada pela atriz Tara Reid, e tem a prerrogativa de nunca terem relações sexuais, mesmo Vicky tendo feito diversas vezes sexo oral no Kevin, sendo que este nunca fez a sua namorada ter orgasmo (algo que mudou ao longo do segundo ato⁶ do primeiro filme da franquia, *American Pie: a primeira vez é inesquecível*, quando com auxílio do seu irmão mais velho encontra um “livro secreto sobre práticas sexuais”). Tal fato nos revela que Kevin entendia que sexo estava somente ligado à penetração e não compreendia que o prazer feminino também era importante para a sua namorada.

Uma das frases que Vicky diz ao Kevin é “você só se importa com sexo” que, juntamente com a insistência de Kevin para que Vicky tenha relações sexuais com ele, nos induz a pensar que para o personagem, namoro sem sexo não é namoro, nada se sobrepõe ao sexo, isto vai de encontro com o fato dele não conseguir falar que ama Vicky, o que nos prova a sua dificuldade em expressar sentimentos “romantizados”, que socialmente foram atribuídos como femininos, deste modo, notamos na construção do personagem Kevin traços do que Januário (2016) entende como masculinidade cúmplice.

⁶ Seguindo as orientações de Napolitano (2008), estudamos algumas técnicas cinematográficas, pois deste modo a pesquisa respeita aspectos técnicos, assim consideramos, que de forma sucinta um filme é composto por três atos, sendo eles: o primeiro ato, que é uma introdução aos personagens, o segundo ato é o desenrolar da história e conflitos dos personagens e o terceiro ato é onde os personagens geralmente chegam a uma resolução dos seus problemas.

Passemos para Paul Finch, tal personagem tem atitudes que soam “forçadas”, isto pois se esforça, para ter um “ar sofisticado”, o que o diferencia dos demais personagens, Paul não frequenta o banheiro da escola, estuda Latim no primeiro filme, *American Pie: a primeira vez é inesquecível*, já no segundo filme, *American pie: a segunda vez é ainda melhor*, afirma que estudou Grego para ficar perto de uma garota do mesmo curso, isto para transar com ela. O personagem exhibe as mulheres com quem supostamente transou como se fosse uma espécie de troféu, o que para os personagens masculinos de *American Pie* não deixa de ser um fato, uma vez que, falam demasiadamente das mulheres com quem transam e Paul não é uma exceção dentro desse universo.

Para além disso, Paul no fim de *American Pie: a primeira vez é inesquecível* tem a primeira relação sexual com Janine Stifler ou como ficou conhecida, a mãe do Stifler, papel interpretado por Jennifer Coolidge, que fez aparições pontuais em todos os filmes da franquia, em *American Pie: a segunda vez é ainda melhor* e em *American Pie: o casamento*, para repetir o que fez no primeiro filme, ou seja, ter relações sexuais com Paul Finch. Desta forma, nos três primeiros filmes, o roteiro só nos fornece uma visão sexualizada da personagem, que não tem minimamente um aprofundamento nas suas características sentimentais, isto ocorre somente em 2012, com o lançamento de *American Pie: o reencontro*.

Paul Fincher, assim como os demais, passa a maior parte do tempo em tela localizado em uma masculinidade cúmplice, mas sempre está flertando com a masculinidade hegemônica, que entre as masculinidades, esta seria o ápice, ou seja, com ela um indivíduo se construiria um “macho alfa”.

Já no caso do personagem de Oz Ostreicher, este joga Lacrosse⁷ no time da escola, sendo considerado o melhor jogador, e por isso é admirado pelos personagens masculinos por suas conquistas, e por algumas das personagens femininas pela sua beleza e vigor físico, Oz é um personagem estereotipado, no sentido de ser um jogador considerado competente, mas não é considerado alguém inteligente ou que se emocione, desse modo, ele se enquadra em um estereótipo comum em filmes adolescentes produzidos nos anos 1990. No entanto, apesar das características postas, ele é virgem, algo considerado incomum e incômodo no universo, em que o filme se passa e para

⁷ Um jogo no qual os jogadores usam tacos equipados com redes, que os participantes usam para equilibrar a bola com o objetivo de passar pelo time adversário e fazer gol.

concretizar o pacto de “perder a virgindade” após o baile de verão,⁸ este entra no coro da escola, pois segundo Oz lá “têm muitas mulheres bonitas” e que pelo fato de não conhecerem a sua personalidade, este acredita que será mais fácil transar com uma delas.

Após pouco tempo de matrícula no coral ele percebe que sabe cantar, talento que o surpreende de certo modo, e também impressiona os demais integrantes, especialmente Heather, interpretada pela atriz Mena Suvari, com quem rapidamente começa a desenvolver laços afetivos, descobrindo com ela que, para ele, não importa tanto o Lacrosse ou o sexo, mas sim ela, uma vez que Oz abandona o time durante um jogo decisivo, para realizar o clichê, de “o mocinho ir atrás da mocinha”, ou vice-versa, para enunciar aos espectadores o seu “real valor”, no terceiro, e último ato do filme. Desta forma Oz demonstra atitudes de uma masculinidade hegemônica, no entanto com o passar dos filmes se encontra dentro de uma masculinidade cúmplice.

E por fim, apresentamos Steve Stifler, que é o personagem, que ocupa o cargo dos protagonistas, que ao longo dos filmes não mudou a sua personalidade, como fizeram, por exemplo, Oz Ostreicher e Jim Levenstein. Adentrando à personalidade de Stifler podemos notar um personagem com uma gama repleta de estereótipos, do que os autores Raí De Paula e Fátima Rocha (2019, p.83), consideram uma masculinidade tóxica, pois

os homens precisavam desenvolver e repassar características bem demarcadas, a fim de que seus papéis sociais ganhassem e mantivessem forma. Aos homens atribuiu-se características como a liderança, racionalidade, força física, destreza, coragem, competitividade, pouca afetividade, virilidade etc.

Stifler constitui as características para ser, socialmente, considerado “homem” em nossa sociedade contemporânea, haja vista, que o personagem evidencia sua virilidade, competitividade e força física ao participar do time de Lacrosse, e gritar em uma de suas festas “Transa comigo, gostosa!” e uma suposta coragem ao se envolver em brigas.

Somemos isso à questão de que Stifler é conhecido por dar festas com muitas bebidas alcoólicas e sexo, e por isso é admirado como um “pegador” pelos demais personagens masculinos e rejeita e exclui qualquer comportamento considerado

⁸ Baile comum nos Estados Unidos que é realizado no final do ano letivo, para os alunos que estão se formando no Ensino Médio.

feminino⁹, que como De Paula e Rocha (2019) explicitam, tal atitude serve aos homens, como uma forma de manutenção da sua masculinidade, haja vista que as características consideradas masculinas, são necessariamente opostas às ditas femininas.

Desta forma, localizamos Stifler, na maior parte do tempo em tela, dentro do que Januário (2016) chama de uma masculinidade hegemônica. Entendemos que, tais conceitos para denominar a qual masculinidade cada indivíduo se encaixa, são teóricos e não podem ser consideradas vitalícios, em outras palavras, um sujeito que se considera na masculinidade hegemônica, pode vir a pertencer a masculinidade cúmplice, ou vice-versa (JANUÁRIO, 2016).

Haja vista que, ao longo de um filme, determinado personagem pode se encaixar em várias masculinidades, vejamos por exemplo, Paul Finch que no primeiro ato de *American Pie: a primeira vez é inesquecível* se encontra em uma masculinidade cúmplice que anseia pela hegemonia, algo que o personagem consegue alcançar brevemente no segundo ato, para depois retornar à masculinidade cúmplice, assim colocamos os protagonistas em determinadas masculinidades, conforme as suas atitudes, para que a análise se torne coerente e nítida.

Analisamos as cenas conforme apareceram nos longas-metragens de *American Pie*. Assim sendo, fizemos a análise das cenas escolhidas e estudadas de cada filme.

American Pie: a primeira vez é inesquecível

Para analisarmos as cenas, tomamos como exemplo a tese de doutoramento de João Paulo Baliscai (2018), na qual o autor analisa cenas e personagens de desenhos da Disney, e nos fornece elementos que podem ser analisados em fontes cinematográficas.

Escolhemos três cenas dos quatro filmes, o que totalizam doze cenas para o presente estudo, e no atual subtópico trabalhamos com cenas do primeiro filme, lançado em 1999.

Começamos pela primeira festa promovida por Steve Stifler, esta cena começa com ele bebendo dois copos de cerveja e descrevendo em voz alta a ação que acabou de fazer (beber dois copos de cerveja), isto para evidenciar que ele é “descolado”. Logo após, sai caminhando pela casa, numa cena de plano longo¹⁰, e assedia as mulheres que

⁹ Como podemos observar, Stifler ri e se assusta ao ver que Oz está participando no coral, pois considera tal atitude reprovável para um homem, uma vez que para Stiller isto seria “coisa de mariquinha”.

¹⁰ É quando o diretor opta por gravar uma cena com poucas ou nenhuma interrupção, isto é, sem cortes.

estão na sua casa, passando a mão em seus corpos, e falando com elas, utilizando palavras de duplo sentido, algo que notamos que as personagens (que na maioria são figurantes¹¹) sentiram-se desconfortáveis, sem dizer sequer uma palavra, apenas pelas suas expressões faciais que denotam estranheza, ao mesmo tempo, que o incômodo que a atitude de Stifler causou.

Após tais fatos, não demora muito e as cenas da festas são brevemente substituídas por uma cena na qual Oz está conversando dentro de um carro com uma universitária, a quem não é dado um nome, e ela revela estar se especializando em Feminismo Pós-modernista, e o personagem do Oz tenta impressioná-la, falando sobre estrelas, e subitamente pede sexo oral para a personagem, que ri e ao invés de repreendê-lo, diz que ele tem que mostrar que realmente se importa com “a sua garota”, e o leva de volta para a festa do Stifler, onde Kevin está na cama com Vicky, e propõe sexo a ela, no entanto nesta cena percebemos que ela acredita que sexo é algo especial e ela não está pronta, deste modo, temos algo que o patriarcado exige, que as mulheres, sejam virgens antes do casamento. (DE PAULA; ROCHA, 2019).

Em paralelo, Stifler leva uma mulher para o seu quarto e tenta de todas as formas persuadi-la para que faça sexo com ele, que fica relutante por achar que Stifler se vangloriará de ter relações sexuais com ela, para seus amigos, e considerá-la uma “mulher fácil”, uma vez que, para o patriarcado, uma mulher deve ser submissa e seu espaço está relegado à vida privada, como De Paula e Rocha (2019) apresentam, que o homem está permitido à esfera pública, já a mulher tem seu espaço, imposto, na esfera privada, em outras palavras, a mulher dentro do patriarcado é vista somente dentro do lar, realizando trabalhos domésticos.

Assim, partimos para a segunda cena do filme *American Pie: a primeira vez é inesquecível*, que é a cena protagonizada por Nadia e Jim, quando a cena se dá a partir do momento que Nadia pede ajuda ao Jim, para estudar conteúdo da disciplina de Cálculo¹², mas antes da mentoria de Jim ela tem aulas de Ballet, sendo assim, ela terá que se trocar na casa de Jim, algo que Stifler e os demais protagonistas enxergaram como uma oportunidade de ver Nadia sem roupa, haja vista que, tal personagem é hiper sexualizada por ser considerada “gostosa” pelos demais personagens, deste modo, Jim liga a *webcam* de seu computador e compartilha um link com os seus amigos, mas por

¹¹ Uma vez que o roteiro não tem a preocupação de atribuir a elas um nome, e que são postas, em geral, somente para completar a cena em número de personagens.

¹² O que de certa forma, nos Estados Unidos, equivaleria à disciplina de Matemática.

‘engano’ compartilha com todos os computadores logados no servidor da escola, tal atitude de compartilhar um vídeo íntimo de Nadia, sem sua autorização, prova que Jim estava disposto a qualquer coisa para ser considerado pelos demais homens como um sujeito pertencente, ao que Kimmel (1998) denomina de, masculinidade hegemônica.

Enquanto Nadia se trocava, Jim havia desligado o monitor do seu computador e ido à casa de Kevin para assistir, juntamente com Paul. Nadia, por sua vez, mexe na gaveta onde Jim deixa suas revistas pornográficas, e ao folheá-la, começa a se masturbar. Em seguida, notamos uma visão distorcida da realidade, uma vez que os protagonistas acreditam estarem em um filme pornográfico, e que para Jim demonstrar a sua virilidade é incentivado a entrar no seu quarto com Nadia se masturbando, para assim fazer sexo com ela, deste modo, notamos que o jeito com o qual este entra no quarto é todo teatral, isto é, ele adentra ao quarto de maneira sorrateira e finge que foi um “flagra” acidental, tal como os vídeos pornográficos que assistia sempre.

Deste modo, temos uma intenção dos roteiristas e diretores em seguir um roteiro semelhante ao pornô, ao retratarem Nadia com os seios à mostra e sem se importar ou se incomodar com o fato de Jim ter adentrado ao quarto, mesmo sabendo que esta estaria se trocando. Assim, Nadia e Jim começam a preliminares do sexo, no entanto, como este filme é considerado como sendo uma comédia, Jim tem ejaculação precoce duas vezes seguidas, e como toda escola estava vendo, ele se torna piada por causa disto.

Notamos que os personagens principais, os coadjuvantes¹³ e figurantes, não possuem a noção de que gravar uma cena de sexo, sem o consentimento de uma das partes, pode ser considerado um crime, isto pois, só se preocupam com o fato de Jim ter ejaculado precocemente, algo que vai de encontro com o que Kumar (2016) atribui como característica dos personagens do cinema de comédia malaialo¹⁴, que é indispensável a virilidade de seus protagonistas, algo que se faz presente nos filmes da franquia *American Pie*, pois o ato de não durar mais tempo durante o ato sexual é visto como piada pelos demais personagens do filme, pois “diminui” Jim como “homem”, pois este não possui a virilidade necessária para ser considerado como tal.

Seguimos com nossas análises para a terceira e última cena a ser estudada em *American Pie: a primeira vez é inesquecível*, que é a festa na casa de Stifler após o Baile de Primavera, que vão acompanhados de Jim e Michelle, isto pois após a difusão

¹³ Como percebemos com Baliscai (2018), são personagens que não fazem parte do núcleo principal, mas, vez ou outra, exercem importância no enredo do filme.

¹⁴ Segundo Kumar (2016), é um subgênero de comédia produzido na Índia.

do seu vídeo com Nádia, Jim vê como sua última opção de Michelle para ser a sua acompanhante, uma vez que esta diz não ter visto o vídeo, o que posteriormente se revela uma mentira e que ela só aceitou ir ao baile com Jim pois assistiu ao vídeo e o roteiro dá traços de que Michelle é uma ninfomaníaca¹⁵, como na cena em que o Jim faz sexo com ela e nos filmes posteriores, enunciando que ela está pensando em sexo em todo o momento; assim dá para levantarmos a hipótese de que o estúdio responsável pela franquia, ou seja, a Universal Pictures, exigiu da direção e roteiristas que eles criassem uma personagem que participasse da banda da escola, algo que no filme é visto como “careta”, fosse na verdade alguém obcecada por sexo, isto provavelmente pois quebra toda a ideia construída ao longo do filme acerca da personagem para assim, já no terceiro ato, surpreender o público com essa nova personalidade e assim torná-lo mais com humor e rentável comercialmente.

Já Oz, leva Heather, com quem confessa ter se aproximado apenas para fazer sexo com ela, no entanto ele diz ter se apaixonado por ela, e os dois fazem sexo, sendo que pela manhã tomam café, nus, porém fazendo carinho um no outro. Tal atitude nos evidencia que Oz não se importa somente com sexo, mas também com Heather, pois, ele pode ser quem sempre quis, alguém com quem possa expressar os seus sentimentos sem as reprovações masculinas que constantemente são vistas na franquia dos filmes de *American Pie*. Desta forma, percebemos o quão tóxico é o patriarcado ao extinguir a possibilidade de homens expressarem seu afeto, exceto quando se trata da vida sexual do indivíduo ou quando este emite o sentimento de agressividade, à qual é permitido aos mesmos.

Algo que vai de acordo com o documentário “O Silêncio dos Homens”, lançado em 2019, que afirma que homens comentem, aproximadamente, quatro vezes mais suicídios que mulheres, tendo como um dos principais fatores, a dificuldade de exprimir sentimentos, que geralmente começa com a frase “homem não chora”, dita pelo pai ou figura similar, como um avô, tio, padrasto, a uma criança (BARBOSA, 1998).

Paul não tem acompanhante, uma vez que para conseguir honrar o pacto, ele criou uma armação no qual as mulheres do colégio passaram a acreditar que ele é, no linguajar do filme, “bem dotado”, ou seja, possui um pênis com tamanho acima da média e isto fez com que diversas figurantes se interessassem por ele, reproduzindo

¹⁵ É um transtorno de hipersexualidade, não está ligado a fatores biológicos, mas sim psiquiátricos, que faz alguém desejar ter relações sexuais com uma frequência mais alta do que, a que é considerada saudável por especialistas, além disso, as pessoas que possuem essa condição dificilmente têm sua satisfação sexual completa, segundo Adolfo (s.d.).

assim o estereótipo de que quanto maior é a genital masculina, mais o homem será atraente para as mulheres, estereótipo que é explorado em demasia durante a saga de filmes de *American Pie*.

Sendo assim, ao fim do terceiro ato do filme, Paul faz sexo com Janine, a mãe do Stifler, que por sua vez é o estereótipo comum em filmes pornográficos, que possuem uma categoria específica denominada de MILF.¹⁶ O que faz este se vangloriar, por ter feito sexo com a mãe do Stifler ao longo de toda a franquia.

Já no que diz respeito a Kevin, ele tem relações sexuais com Vicky, pois esta acha que é o “momento certo”, na manhã seguinte, ela termina com ele, que havia superado o medo de dizer “eu te amo”, e a justificativa do término se dá a partir de que Vicky foi aceita em uma universidade em outro Estado, sendo assim, o namoro dos dois seria inviável.

Neste momento percebemos o lado sentimental de Kevin, algo que será evidente nos próximos filmes da franquia. Ele diverge, por um instante, das características que tornam este personagem um “macho de verdade”, pois este assume a característica de ser romântico e sentimental, que historicamente, foram atribuídas às mulheres.

Já, Stifler, que diferente dos demais personagens, já havia feito sexo, deste modo, não fez parte do pacto, e ainda ao final do filme encontra Paul e sua mãe fazendo sexo, algo que Paul se orgulha, com o objetivo de irritar e principalmente envergonhar Stifler, com quem tem certa competitividade no decorrer da franquia, o que De Paula e Rocha (2019), colocam sobre a competitividade, que é uma das características atribuídas aos homens, e que no caso de *American Pie* é evidente entre Stifler e Paul. Ainda nos mostra o quanto esta mulher é usada por ele.

American Pie: a segunda vez é ainda melhor

O segundo filme que estudamos, foi *American Pie: a segunda vez é ainda melhor*, lançado em 2001, ou seja, apenas dois anos após o primeiro filme, e traz como sinopse, os protagonistas masculinos frustrados por não terem feito sexo após o Baile de Verão (com exceção, mais uma vez de Stifler e de Oz que está namorando Heather) que no universo da franquia, aconteceu há um ano. Deste modo Kevin tem a ideia, após

¹⁶ Conforme o trabalho de Parreiras (2012), uma MILF Uma mulher mais velha que é considerada “gostosa”, utilizando o padrão de beleza, que institui, que uma MILF, deve ter seios fartos, cintura fina e em concordância com *American Pie*, esta pode ser a mãe do seu amigo. E ainda existe a possibilidade de o termo MILF ter surgido com Janine (ZAGO E ATOLINE, 2020).

consultar seu irmão, de alugar uma casa na praia com os demais protagonistas, para assim terem nas palavras de Kevin, “o melhor verão de suas vidas”.

Partimos para a análise da primeira cena, que pode ser considerada a cena que deu base para o roteiro desenvolver o filme, tal cena é a que retrata a insatisfação dos personagens, em não terem feito sexo mais vezes após o Baile, e nos apresenta que Jim está inseguro na hora de fazer sexo, e sua companheira lhe diz que as mulheres gostam de homens seguros, deste modo, ele aceita fazer sexo com ela, isto nos informa sobre a negação da insegurança de Jim, pelo próprio personagem, para assim manter a sua virilidade longe de questionamentos, tal como explicam Josiliam Conrado e Luciana Rosar Fornazari Klanovicz (2014) sobre qual é o significado da virilidade em filmes dos anos 1980 e 1990, que seria os corpos musculosos, que sugerem um atletismo por parte do homem.

Levando isso em consideração temos uma cena na qual Oz e Stifler estão na faculdade, e Stifler insiste para que Oz olhe para as pernas de uma colega de sala, para verem sua calcinha, na recusa dele, Stifler reprova tal atitude do colega, de forma que, nos induz a pensar que naquele momento, o personagem não ter assediado a aluna de sala o torna “menos homem”, já que não cumpriu com o seu dever institucionalizado de sentir atração por uma personagem, considerada atraente e, longe disso, o personagem de Oz exibe sentimentos como paixão e cumplicidade ao se despedir de sua namorada que vai passar o período do verão, ou seja, as férias, estudando fora do País.

Vemos Paul se gabar de ter transado com várias personagens ao longo do ano, algo que, anteriormente, é notado em Stifler, que diz ter transado 23 vezes, que é repreendido por Oz que diz não precisar ficar contando com quantas pessoas se transa. No entanto no caso de Paul, Jim fica impressionado, e Paul compara as outras mulheres como sendo inferiores durante o sexo, quando postas em comparação com a mãe do Stifler, sendo assim, notamos que tanto para Paul, quanto para Stifler as mulheres são utilizadas como meros objetos feitos para dar prazer ao homem, um pensamento de uma masculinidade evidentemente tóxica.

O início da segunda cena estudada, é a festa na casa do Stifler, esta cena corrobora a afirmação acima, uma vez que ele dá bebida para uma jovem e erra o nome dela, e quando vira as costas diz não se importar, isto pois, a atitude de tratá-la bem e deixá-la bêbada é um artifício utilizado para que faça sexo com ela, algo que o roteiro trata com muita ‘naturalidade’, uma vez que nenhum dos personagens demonstra

indignação ou qualquer outro sentimento, como o de empatia de ajudar a garota, que caso fizesse sexo naquela condição, beirando à embriaguez, seria estuprada.

Expresso isso seguimos Stifler por um plano longo pela sua festa, um método já utilizado no primeiro filme, na qual mais uma vez ele assedia as garotas presentes, falando do seu pênis e questões sexuais; humilha personagens masculinos ao dizer que estes não têm pênis, para se sentir o “macho alfa”, um exemplo viril a ser seguido, e expressa o sentimento de raiva ao ser perguntado se Paul realmente transou com Janine, sua mãe, mostrando que ele espalhou o ocorrido por toda a cidade, pois aquilo era um troféu a ser exibido.

Seguindo adiante percebemos que Jim acredita que será mais fácil transar já que é universitário, e isso pode atrair as mulheres que ainda estão terminando o Ensino Médio. Paralelamente a isso, vemos dois policiais que foram chamados por causa do barulho, mas antes de efetuarem o encerramento da festa, comentam que aquela casa é da mãe do Stifler, e fazem comentários sexuais sobre ela, o que denuncia, mais uma vez, que dentro do universo da franquia *American Pie*, as mulheres são objetificadas, e considerando, o que D’Assunção Barros (2011) comenta, a obra é um reflexo dos seus realizadores que a querem torná-la lucrativa. Podemos então considerar que, em certa medida, tal objetificação de alguns corpos dentro do padrão de beleza vigente ocorre para além das telas dos cinemas, uma vez que a obra cinematográfica é produzida para agradar determinado público.

Adiante na terceira cena, que ocorre aproximadamente, na metade do filme, e denota um fetichismo que os personagens nutrem por mulheres lésbicas, pois na cena são apresentadas duas mulheres que riem e andam abraçadas e estão morando na mesma casa, Stifler e os demais personagens do núcleo principal (Oz, Paul, Jim e Kevin) que estavam trabalhando numa reforma, para conseguir dinheiro para bancar a casa de praia e as festas que pretendiam fazer, logo associam que as personagens são lésbicas por andarem de mãos dadas, e então Stifler invade a casa onde elas estão para, segundo ele, “tirar a prova se elas são ou não lésbicas”.

Sendo assim, Jim e Paul, o seguem para tirá-lo da casa antes que voltem, porém elas chegam e os descobrem dentro da casa, mesmo tendo um rádio comunicador, que Oz e Kevin utilizam para avisar que devem sair dali, pois elas estão voltando, e nesse momento é perceptível como as lésbicas são enxergadas por todos os personagens masculinos, como objetos para satisfazerem seus fetiches, uma vez que estas se beijam para os personagens se excitarem, e começam a falar pelo rádio comunicador com

diversos personagens que são figurantes, e por haver uma interferência entre as ondas de rádio várias pessoas que estavam no raio de alcance do comunicador escutam o que eles estão fazendo.

Ao perceberem o que está havendo com o rádio, as meninas, dizem que o que os rapazes fizeram, elas também fariam, algo que demonstra submissão das personagens, no olhar masculino, empregado pelos diretores, uma vez que, como notamos em nossa introdução são todos homens. A cena somente acaba quando elas dizem que farão sexo oral, mas os rapazes terão que fazer o mesmo, e Stifler decide que irá fazer com o Paul, que sai correndo juntamente com Jim, seguidos de Stifler, que após o ocorrido tem sua masculinidade posta em “xeque” pelos demais personagens, e que para se sentir viril compra diversos filmes pornográficos para os demais.

Desta forma percebemos o fetiche que as mulheres lésbicas enfrentam no cinema, descrito pelas autoras Juliana Antonello e Ramayana Sousa (2019, p. 3), como reflexo

da mulher lésbica nos cinemas mundiais e como a representação delas é muitas vezes carregada de estereótipo e fetiche. A representação da mulher no cinema reflete a relação dela com o espaço em que ela ocupa em sociedade e o cinema reflete o espaço social em que o corpo da mulher está inserido e a relação entre ambos.

Deste modo, os discursos que estão no filme, acerca da sexualidade das duas personagens, possibilitam um entendimento de que tal invisibilidade, submissão e fetiche, transcendem o universo cinematográfico para determinada sociedade, no caso a estadunidense, que no início dos anos 2000, uma vez que a produção de *American Pie: a segunda vez é ainda melhor*, assim como os demais filmes da franquia, aconteceram nos Estados Unidos.

Sendo assim, este filme foi um sucesso de bilheteria, arrecadando somente nos Estados Unidos, de acordo com o Rotten, cento e quarenta milhões de dólares.

American Pie: o casamento

O terceiro filme da franquia *American Pie*, “foge” do padrão estabelecido pela franquia nos dois filmes anteriores, pois narra a história do pedido de casamento de Jim para Michelle, e como os preparativos desse se desenrolam, deste modo, temos a percepção de que, para além de Michelle e Jim, os personagens que ganham mais importância na trama são, Paul e Stifler, que durante o primeiro e o segundo ato ganham

um tempo de tela considerável por disputarem quem irá transar com Cadence, a irmã de Michelle, e o filme não dá a mesma relevância ao personagem Kevin, como vimos anteriormente, e em paralelo a isso, Chris Klein não reprisou o seu papel como Oz, como já expresso anteriormente.

Assim sendo, a primeira cena a ser estudada se refere aos comportamentos de Stifler, que agora é técnico do time da escola. Na cena em questão, ele encontra Paul e Kevin em uma loja de artigos esportivos, e sugere que Paul utilize um top feminino, pois é a “sua cara” e deste modo, notamos a dualidade feminino e masculina, na qual, para um sujeito ser considerado um “homem de verdade”, este tem que se afastar de características ditas femininas (BARBOSA, 1998).

Stifler sai da loja gritando que irá no casamento para transar com as madrinhas, ou seja, este não vai por nenhuma consideração que possua a Jim, mas, vai visando em sexo. Em determinado momento Stifler diz que “ele [Jim] já está ferrado, vai se casar”, provando que para ele a ideia de casamento seria uma prisão, na qual, força o homem a ter relações sexuais com uma única mulher, até o fim do matrimônio, pensamento deveras reforçado quando assistimos séries ou em nosso próprio cotidiano, quando ouvimos as expressões machistas, do tipo, “traiu porque ela não dava suporte na cama”, “ela não transava como antes”. Assim, notamos o pensamento de algo indesejado por Stifler é compartilhado por diversas pessoas até hoje, e para além disso, várias vezes que um casamento ou relacionamento heterossexual termina, a culpa disto, tende recair sobre as mulheres, devido aos ensinamentos do patriarcado, de que a mulher deve ser responsável pelo ‘bom’ andamento da vida doméstica de um casal (NARVAZ e KOLLER, 2006).

Assim, passemos para a análise da segunda cena de *American Pie: o casamento*, na cena em questão, os personagens, Kevin, Paul, Stifler e Jim vão para Chicago em busca de um estilista, para fazer o vestido dos “sonhos” para a Michelle. Este ponto por si só comprova que os roteiristas do filme se utilizaram da normativa de que o sonho da mulher heterossexual é se casar, por isso tudo deve sair o mais perfeito possível, chegando na loja, a vendedora explica que ele já foi embora, e que pode ser encontrado em alguns bares de uma região da cidade, deste modo, eles se separam para o procurar.

Stifler entra em uma boate, que em primeiro momento não nota, que se trata de uma boate LGBT+¹⁷, ele só percebe isso quando um dos frequentadores comenta, e

¹⁷ Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, e as demais orientações de gênero.

nesse momento, tem atitudes homofóbicas ao falar “que lugar é esse” ao ver dois homens se beijando e ao enfatizar várias vezes que qualquer *gay* transaria com ele, e descobrimos que o estilista está na boate, mas devido ao comportamento de Stifler, este não fará mais o vestido de noiva para Michelle.

Após isto, Stifler desafia um dos frequentadores com quem discutiu para um duelo de dança, e essa cena delimita a visão que os produtores tinham de um homem heterossexual, na posição de uma masculinidade hegemônica dançando em oposição a de um homem *gay*, que tem sua masculinidade imposta como subalterna, uma vez que, enquanto os movimentos de dança de Stifler se mostram agressivos, rápidos e com músicas que lhe proporciona isso, por serem agitadas, colocando-o numa posição mais ativa do que passiva na pista de dança. Ao homem *gay* ficam relegados movimentos suaves, lentos, semelhantes ao ballet, que segundo Stifler, minutos antes no corte do filme, “é coisa de viado”, mais uma vez praticando homofobia, deste modo, a este sujeito *gay* fica reservado o espaço de submissão perante Stifler, como dá para notar ao fim da dança na qual este primeiro, o abraça de joelhos, em uma espécie de idolatria.

Indo para a terceira cena, temos o casamento de Jim, que tem Stifler ganhando mais atenção do roteiro do que os próprios protagonistas que seriam os noivos. Stifler e Paul, inverteram as suas personalidades para fazer sexo com Cadence, a irmã mais nova de Michelle, Paul a partir de uma conversa que escuta entre as duas irmãs acredita que Cadence tem preferência por homens que falam e pensam em sexo na maioria do tempo, já Stifler acredita que, também a partir de uma conversa entre as duas, Cadence gosta de homens que possuem características consideradas ‘cultas’.

Salientamos que o roteiro do filme faz questão de apresentar Cadence sobre duas perspectivas, a partir das falas da mesma, a primeira é a de uma mulher que não se importa com sentimentos masculinos, quando esta revela ter terminado com o seu antigo namorado, pois ele não queria fazer sexo com ela, para não estragar a relação afetiva, o que foi algo arquitetado pelo roteiro para disseminar a narrativa de que as mulheres preferem homens que não tenham a sua virilidade abalada pelos seus sentimentos, ou seja, para ser viril é necessário ser decidido e não possuir ou não expressar suas dúvidas.

Em contrapartida, a “outra personalidade”, constrói Cadence como, uma mulher insegura e que nunca teve relações sexuais, deste modo, durante as cenas, esta transita entre essas duas personalidades, porém, perto de seus pais, mantém essa última

personalidade, uma vez que segundo ela, “os pensamentos dos nossos pais não são os mesmos que os meus”.

Para além disso, Stiller e Paul, veem Cadence como um troféu, então a todo momento estão disputando para ver quem transará com ela, pois para eles, é apenas um objeto de desejo, sendo assim, notamos a competitividade que a masculinidade exige para um homem ser considerado como tal.

Chegamos ao fim da análise de tal filme, com Cadence junto com Stifler e salientamos que Paul transa com Janine (a mãe do Stifler), que aparece somente ao fim do filme sem nenhum motivo, a não ser repetir o mesmo papel de MILF, que já havia interpretado nos dois filmes anteriores.

American Pie: o reencontro

Deste modo, chegamos à análise do último filme que compõe a nossa metodologia, referenciamos assim, *American Pie: o reencontro*, que foi lançado 9 anos após o terceiro filme e demonstra o reencontro da turma de 1999, deste modo notamos que tal filme apela para a nostalgia do seu público que envelheceu junto com os atores e por assim dizer personagens que, agora possuem profissões, casa própria, já estão casados, ou seja, possuem características que, a sociedade espera que adultos tenham.

Na primeira cena a ser dissecada, temos a cena do lago, que começa com a atual namorada do Oz passando bronzeador, de modo que a câmera foca em seus seios e bumbum e Jim, Kevin e Paul, não param de olhar pra ela, e quando Michelle reclama para uma amiga, esta última considera a atitude destes personagens sendo ‘normais’ com a justificativa de que “não é todo dia que eles veem uma super modelo de biquíni”. Desta forma, a fala de tal personagem abre espaço para interpretarmos que o fato de a namorada de Oz estar de biquíni é o motivo que “libera” esses personagens a olharem para ela, mesmo que isso seja incômodo para a modelo ou para as esposas de tais personagens.

Paralelamente a isso, um grupo de jovens passa roubando a parte de cima do biquíni de algumas personagens que estavam fazendo topless¹⁸, deste modo, os protagonistas vão atrás desses jovens, que os molham com os *jet-ski* e Stifler diz que sabe para onde eles vão e que vai se vingar. O grupo de jovens está em um local isolado

¹⁸ A prática de retirar parte do biquíni para assim se bronzear sem as marcas que o mesmo deixaria na pele

do lago, na qual um dos jovens diz para o outro que este tem sorte pois vai transar com uma garota virgem, demonstrando assim desapego emocional entre a referida mulher e o personagem, uma vez que está com ela somente pelo sexo e o fato dele estar próximo de ser a primeira pessoa a ter relações sexuais com a mesma, faz dele, perante os outros homens, um exemplo a ser idolatrado, pois na visão dos personagens ao longo de toda a franquia *American Pie*, a virgindade feminina, é vista pelos homens como um ‘tesouro’, o qual estes disputam para provar que são “machos”.

Enquanto isso Stifler está executando seu plano de vingança ao prender os *jet-ski* ao carro dos protagonistas e assim, acelerando o automóvel e os estragando, comprovando assim que, para manter a sua honra masculina, um homem deve estar disposto a se utilizar de qualquer método para se provar superior perante os demais homens, e assim conseguir o *status* tão almejado de uma masculinidade, que Kimmel (1998), considera hegemônica.

Assim sendo, vejamos a segunda cena, que é a festa do lago, na qual está sendo comemorado o aniversário de Kara, a vizinha de Jim, que evidencia interesse por ele, mas não é correspondida. Após ficar bêbada Jim decide levá-la para casa, e neste momento ela tira a roupa ficando nua, desta forma, o roteiro apela para a nudez afim de atrair o público ao tempo que constrói a imagem de que a jovem não tem pudor, pois se tivesse não tiraria a sua roupa, ou andaria de roupas mais compridas. Este discurso, ainda, é deveras nítido na sociedade contemporânea, principalmente como justificativa para o estupro.

Tal direcionamento dos roteiristas comprova que, logo após ser deixada no quarto, Stifler entra nele, com o intuito de fazer sexo com Kara, o que obviamente seria estupro e não sugere qualquer remorso por parte do mesmo, que só é impedido no momento que o pai de Kara entra no seu quarto.

Tal posicionamento de Stifler pode ser analisado na perspectiva de que vivemos em uma sociedade patriarcal, em que crimes do gênero costumam ficar impunes e a sociedade naturaliza tal comportamento, com falas do tipo “quem mandou se vestir assim”, “não devia estar bêbada”, entre muitas outras falas (CAMPOS, 2016).

Já na terceira cena, temos a primeira e única festa que ocorre na casa do Stifler em *American Pie: o reencontro*. Nos primeiros minutos de cena notamos que ele se surpreende ao saber que vários colegas do time de Lacrosse são *gays*, isto pois, na visão do personagem é divergente daquilo que ele criou como expectativa para o time, uma

vez que, acreditava no estereótipo de que jogadores deveriam ter uma masculinidade heterocêntrica e invejável, sendo inquestionável perante os demais homens.

Seguimos em tal cena, com o namorado da Heather, chamado Ron, levando um DVD do show de dança que Oz participou há algum tempo e perdeu nas finais, para que todos da festa vissem o fracasso dele e como este não poderia ser considerado um “macho”, e como o próprio, Ron, era superior a ele, por ser mais bem sucedido e assim sendo merecedor de namorar Heather.

Assim, apesar de não ser um dos protagonistas do filme, Ron nos fornece uma série de atitudes machistas, em primeiro lugar, por considerar menos másculo um homem que dança, pois isto em sua visão, não é algo de um “homem de verdade”, e em segundo lugar, por ter que envergonhar um homem perante outras pessoas para se sentir bem com ele próprio, o que exprime que, para o personagem se provar “macho” diante dos demais, é essencial a manutenção da sua heterossexualidade.

Ao tempo que isso acontece, ainda temos a vizinha de Jim tentando transar com ele, que pede para ela parar, mas em momento algum a tira de cima dele na cama, algo que comprova que só não fez sexo com ela, pois sentiria remorso em trair Michelle, pois ao longo do filme vemos que Jim sente uma atração sexual pela sua vizinha, haja vista a forma que olha para seu corpo.

Deste modo, encerramos as análises das cenas da franquia *American Pie*, estudando três cenas de cada filme, totalizando doze, o que nos possibilitou uma verificação, mesmo que sucinta, das atitudes masculinas disseminadas pela produtora e seus roteiristas.

Considerações finais

Esboçamos, a partir de nossa discussão que, o intuito primordial do presente trabalho foi evidenciar a partir das cenas selecionadas, quais são as características que tornam o ser masculino um “homem de verdade”, ou no oposto disso, retira e nega o *status* de “macho” para indivíduos com certas características, ditas como “coisas de mulher”, deste modo, apoiados em Barbosa (1998), afirmamos que as características pregadas, pela sociedade, como masculinas divergem das que são tidas como femininas, sendo assim, as relações de gênero expostas nos filmes analisados de *American Pie*, partem de uma disputa, na qual, o homem para se firmar ‘verdadeiramente homem’, rejeita e exclui comportamentos ou atitudes que possam colocar a sua masculinidade em

“xeque”, isto é, atitudes que o tornam menos homem diante da sociedade, e principalmente, sob os olhares de juízo de outros homens.

Tácito a isso, percebemos que, as atitudes masculinas nos filmes da franquia *American Pie*, são amparadas pelos demais homens, visto que, estes estão de acordo com as maneiras com a qual os outros homens enxergam o que é “ser homem”, em outras palavras, as atitudes dos personagens principais dos filmes, são prontamente aceitas pelos demais homens, tornando esse cúmplices de tais ações, e para além disso, tal cumplicidade se revela essencial para que essas atitudes sejam perpetuadas como algo “que homens de verdade fazem”, pois, a cumplicidade existente entre os personagens da franquia fazem com que os padrões masculinos, instituídos pelo patriarcado, sejam transmitidos como “o certo” para os demais personagens e para os fãs.

Assim, em nossa análise, observamos que os filmes vão além do intuito de entreterem o público, uma vez que, estabelecem ou reforçam padrões do que é ser um homem viril na sociedade ocidental, de caráter patriarcal. Assim sendo, notamos que a produtora e seus roteiristas têm um papel fundamental, no que diz respeito a entendermos *American Pie* como um reflexo social, ora distorcido, ora mais fiel à realidade, uma vez que a produtora tem interesse comercial nas obras, o que faz com que ao mesmo tempo que tenham um caráter cômico e desconexo da sociedade, possa vir a ter certa aproximação com a realidade, para assim, criar um apelo do público sobre os filmes, assim, estes carregam intenções, dentre as quais a que mais tem destaque é o que um homem deve fazer para ser “digno de ser homem”.

Estudamos assim, como a franquia de filmes *American Pie* estabelece como um homem deve agir para ser considerado um “homem de verdade”, e percebemos que deste são cobradas atitudes que o patriarcado incorporou, ao longo do tempo, no que é “ser homem”.

Objetos de análise

AMERICAN Pie: A primeira vez é inesquecível. Direção: Paul Weitz e Chris Weitz. Estados Unidos. UNIVERSAL PICTURES, 1999. 1 DVD (95min.), Dublado, PT-BR.

AMERICAN Pie A segunda vez é ainda melhor. Direção: J. B. Rogers. Estados Unidos. UNIVERSAL PICTURES, 2001. 1 DVD (110min.), Dublado, PT-BR.

AMERICAN Pie: O casamento. Direção: Jesse Dylan. Estados Unidos. UNIVERSAL PICTURES, 2003. 1 DVD (96min), Dublado, PT-BR.

AMERICAN Pie: O reencontro. Direção: Jon Hurwitz e Hayden Schlossberg . Estados Unidos. UNIVERSAL PICTURES, 2012. 1 DVD (113min.), Dublado, PT-BR.

Referências

AMERICAN PIE 2. *Rotten Tomatoes* [s.d.]. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/american_pie_2. Acesso em: 28/01/2021

AMERICAN PIE. *Rotten Tomatoes* [s.d.]. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/american_pie. Acesso em: 28/01/2021

AMERICAN REUNION. *Rotten Tomatoes* [s.d.]. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/american_reunion_2012. Acesso em: 28/01/2021

AMERICAN WEDDING. *Rotten Tomatoes* [s.d.]. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/american_wedding. Acesso em: 28/01/2021

ADOLFO, Kalel. **Ninfomaníaca**: saiba se você tem sintomas do vício em sexo. Minha Vida [s. d.] disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/bem-estar/tudo-sobre/35018-ninfomania> acesso em: 15/02/2021

ANTONELLO, Juliana da Silva; DE SOUSA, Ramayana Lira. *Dando um rolê: o vídeo-ensaio e as (i) mobilidade lésbica nos cinemas mundiais*, UNISUL, 2019. Disponível em: http://rexlab.unisul.br/sistemas/doc_pro/resumo_expandido_5d59a6afe4ba9.pdf Acesso em: 18/02/2021

ASHCRAFT, Catherine. *Adolescent ambiguities in American Pie: Popular culture as a resource for sex education*. *Youth & Society*, v. 35, n. 1, p. 37-70, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0044118x03254558>. Acesso em: 21/01/2021.

BALISCEI, João Paulo. **Vilões, heróis e coadjuvantes**: um estudo sobre masculinidades, ensino de arte e pedagogias Disney. Tese (Doutorado em educação). Universidade Estadual de Maringá. 2018. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/teses/2018/2018%20-%20Joao%20Paulo%20Baliscei.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.

BARBOSA, Maria. J, Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**. Iowa, n.11 pp.321-343, 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51279>. Acesso em: 28/11/2019 .

BARROS, José D.'Assunção. Cinema e história—considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**, v. 32, n. 55, p. 175-202, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2324/2504>. Acesso em: 28/11/2019.

CAMPOS, Andrea A. A cultura do estupro como método perverso de controle nas sociedades patriarcais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 183, p. 01-13, 5 ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32937> acesso em: 06/04/2021

CONRADO, Josiliam; KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. Masculinidade em confronto: do cinema viril dos anos 1980 às novas masculinidades dos anos 1990. **Resumo do XXII do Encontro Anual de Iniciação Científica do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes-SEHLA**. Londrina. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luciana_Klanovicz/publication/269763205_Masculinidade_em_confronto_do_cinema_viril_dos_anos_1980_as_novas_masculinidades_dos_anos_1990/links/5495b8110cf20f487d2f5725/Masculinidade-em-confronto-do-cinema-viril-dos-anos-1980-as-novas-masculinidades-dos-anos-1990.pdf acesso em: 10/02/2021

DE PAULA, Raí Carlos Marques; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2Sup, p. 82-88, 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1835/1336>. Acesso em: 03/02/2021

FARMANDA, Hari; YANTI, Yusrita; RINA, Nova. NA ANALYSIS SLANG WORD IN THE MOVIE AMERICAN PIE. Abstract of Undergraduate Research, Faculty of Humanities, Bung Hatta University, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.ejurnal.bunghatta.ac.id/index.php?journal=JFIB&page=article&op=view&path%5B%5D=4772>. Acesso em: 21/01/2021.

GAGHAUBE, YOUKE AVELINA. THE SLANG WORDS USED IN “AMERICAN PIE I” MOVIE, Tese de Doutorado, UNIVERSITY OF STIKUBANK SEMARANG, 2013. Disponível em: <http://eprints.unisbank.ac.id/id/eprint/1548/>. Acesso em: 21/01/2021.

HOMEM, Papo de. **O silêncio dos homens**, Youtube, 2019 (60min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&t=1s> acesso em: 15/02/2021

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidade: historicidade, pluricidade e construção. In: **Masculinidade em (RE)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LABCOM.IFP, 2016. P. 79-151. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/263>. Acesso em: 28/11/2019

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos** – corpo doença e saúde. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, pp.103-117, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n9/0104-7183-ha-4-9-0103.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.

KUMAR, P. Masculinidade hegemônica em dois filmes de comédia malaialos: Meesa Madhavan e Rajamanikyam. **Artcultura**, v. 17, n. 30, 17 jun. 2016. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34809/18418>. Acesso em: 10/02/2021.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto;2008. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnpbnRyb2R1Y2FvYXBlc3F1aXNhaGlzdG9yaWNhfGd4OjE5NjJiZWJmZmFmMDVhMGQ>. Acesso em: 28/11/2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49-55, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822006000100007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 04/02/2021.

PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. **Cadernos Pagu**, n. 38, p. 197-222, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt acesso em: 13/07/2020.

PEARCE, Sharyn. *As wholesome as...”: American Pie as a new millennium sex manual*. Youth cultures: Texts, images, and identities, p. 69-80, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Sw3qbIoFwC&oi=fnd&pg=PA69&dq=info:I5RwMwgQpk8J:scholar.google.com/&ots=AhYuaKuVgk&sig=hYGg2v2HgqaepesO5-CiU5BdcWM#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21/01/2021.

PEARCE, Sharyn. *Sex and the cinema: What American Pie teaches the young*. *Sex Education*, v. 6, n. 4, p. 367-376, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14681810600981988>. Acesso em: 21/01/2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso Sopcom**. 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/download/31545895/Analise_de_filmes_-_conceitos_e_metodologias.pdf. Acesso em: 28/11/2019.

SANUSI, Dhoni; RINA, Nova; ARDI, Havid. Na analisys of swearword in American Pie movie, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=+SANUSI%2C+Dhoni%3B+RINA%2C+Nova%3B+ARDI%2C+Havid.+An+analisys+of+swearword+in+American+Pie+movie.+&btnG=#d=gs_qab&u=%23p%3D1t0q5WF--78J. Acesso em: 21/01/2021.

ZAGO, Luiz. F.; ATOLINI, Thanise. G. Pedagogias da sexualidade na pornocultura: notas sobre as MILFS. **Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 83–98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7078>. Acesso em: 08/04/2021.

Recebido em abril de 2021

Aprovado em junho de 2021.